



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

A CRÍTICA SOCIAL NO ROMANCE: O MÉDICO E O MONSTRO NA ERA VITORIANA

THE SOCIAL CRITIQUE IN ROMANCE: THE DOCTOR AND MONSTER IN THE VICTORIAN ERA

LA CRÍTICA SOCIAL EN EL NOVELA: EL MÉDICO Y EL MONSTRUO EN LA ERA VICTORIANA

José Brendo Cruz Vasconcelos¹
Francisco Dênis Melo²

RESUMO

O presente trabalho pretende mostrar como o romance pode servir como forma de crítica social ao contexto histórico em que foi publicado. No caso analisaremos a clássica obra *O médico e o monstro*, escrita por Robert Louis Stevenson no século XIX, durante a Era Vitoriana. Em uma Inglaterra que ainda no século anterior o romance veio a se tornar o mais popular dos gêneros literários do país, buscando mostrar a literatura como fonte da história daquele período.

Palavras-Chave: Romance. História. Literatura.

SUMMARY

This article aims to show how the romance can serve as a form of social criticism to the historical context in which it was published. In this case we will analyze the classic composition *The Doctor and the Monster*, written by Robert Louis Stevenson in the nineteenth century during the Victorian Era. In an England that still in the previous century the romance came to become the most popular of the literary genres of the country, seeking to show literature as the source of the history of that period.

Keywords: Romance. Story. Literature.

RESUMEN

El presente trabajo pretende mostrar cómo la novela puede servir como forma de crítica social al contexto histórico en que fue publicada. En el presente trabajo, analizaremos la obra clásica *El médico y el monstruo*, escrito por Robert Louis Stevenson en el siglo XIX, durante la Era Victoriana. En una Inglaterra donde aún durante el siglo anterior el género novela llegó a convertirse en el más popular de los géneros literarios del país, se pretende mostrar la literatura como fuente de la historia de aquel período.

Palabras Clave: Novela. Historia. Literatura.

¹ Aluno do curso de História da Universidade Estadual do Vale do Acaraú - UVA e bolsista do programa Residência Pedagógica.

² Professor do curso de História da Universidade Estadual do Vale do Acaraú e orientador do trabalho.



1 INTRODUÇÃO

Ainda durante o século XVIII, o romance se torna o principal e mais popular gênero literário na Inglaterra, isso ocorre principalmente por alguns fatores, dentre eles o surgimento da classe média e pelas mudanças ocorridas no público leitor. No século XIX o romance se consolida como forma crítica e social do contexto histórico Vitoriano³, pois acontece um barateamento no preço das obras e aumento do público leitor, popularizando ainda mais o gênero. Nesse contexto foi publicado em Londres no ano de 1886 o livro *O Médico e o monstro*, inicialmente chamado de *O Estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, onde conta a história da ligação entre um estimado médico e cientista chamado de Dr. Jekyll e um homem que era repudiado por toda sociedade, o terrível Mr. Hyde. Não é apresentado internamente uma data exata em que ocorre a história que é contada no livro, o ano é apresentado no romance como no século XIX pois só aparece os dois primeiros número e reticências, dessa forma “18...”. A narrativa se dá em terceira pessoa pelo personagem advogado Mr. Utterson. A história é conhecida até por quem nunca leu o livro, isso se deu por conta de sua disseminação no cinema⁴, televisão⁵ e quadrinhos⁶, e também serviu de inspiração para outros personagens⁷.

A Inglaterra durante o reinado da Rainha Vitória era a maior potência industrial do mundo, a glória imperialista era marcada pelo país percussor da Revolução Industrial, porém ao mesmo tempo havia vários problemas sociais presentes durante aquele período, como por exemplo a exploração do trabalho infantil, grandes jornadas de trabalho, o desemprego presente por conta do uso das máquinas. Era um período de contradições, de descrição de dois lados de uma mesma moeda, assim como é tratado no romance de Stevenson. Então esse artigo orientado pretende analisar todo esse contexto.

2 O NASCIMENTO DE UM PÚBLICO LEITOR

Para compreender o contexto histórico e literário do século XIX, temos que nos remeter ao século anterior para entender o processo de aparecimento de um público leitor para o gênero mais popular da época: o romance. Durante a Era Vitoriana houve um barateamento no preço

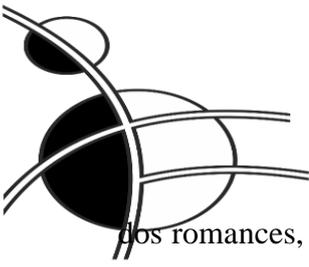
³ Termo utilizado para se referir a Era Vitoriana.

⁴ No cinema podemos citar dois exemplos, como “O Médico e o Monstro” de 1932 dirigido por Rouben Mamoulian e “O Médico e o Monstro” de 1941 dirigido por Victor Fleming.

⁵ Em 1940 o personagem aparece em um episódio do desenho animado Pernalonga, chamado “O coelho e o monstro”.

⁶ No HQ “A liga extraordinária” de Alan Moore, aparece o Dr. Jekyll e o Mr. Hyde.

⁷ O incrível Hulk de Stan Lee tem uma clara inspiração no romance escrito Robert Louis Stevenson.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

dos romances, o que gerou um aumento de leitores, porém o contexto desse fato é tratado na Inglaterra setecentista. O romance foi um divisor de águas para a literatura vigente, um dos fatores que contribuíram para essa mudança foi justamente a questão do público leitor, do gênero romance em si e do jornalismo, que ajudou nessa alteração do público literário. Embora ali houvesse aumento popular de interesse pela leitura, ainda era algo pequeno se comparado a população, Ian Watt vai dizer que:

A única estimativa contemporânea da extensão do público leitor foi feita no final do século: na década de 1790 Burke avaliou em 80 mil indivíduos. É um número pequeno para uma população de pelo menos 6 milhões e provavelmente seria ainda menor no período de que nos ocupamos. É que sugere a evidência mais confiável fornecida pela circulação de jornais e periódicos: uma cifra, a de 43800 exemplares vendidos semanalmente em 1704, indica menos de um comprador para 100 pessoas; outro número, o de 23673 exemplares vendidos diariamente em 1753, sugere que, embora tivesse triplicado na primeira metade do século, o público comprador de jornais ainda era pequeno em comparação com o total da população. (Watt, 2010, p. 38)

De fato houve um aumento do interesse popular pela leitura, entretanto se comparado ao número total da população, esse aumento chega a ser quase que insignificante, afinal, como disse o autor, no início do século, o número de compradores de jornais era menos que 1 para cada 100 jornais, ou seja, um número mínimo, embora viesse a crescer na outra metade, ainda era uma quantia por sua vez pequena.

Esse fato também ocorre quando se trata da venda de livros, o número de compradores também era pouco, as obras que vendiam cerca de 10 mil exemplares, tratavam-se dos panfletos sobre assuntos que eram conhecidos no momento, as obras que eram mais extensas e caras eram bem menos vendidas. Alguns fatores explicam o motivo pelo qual esse público leitor continuava tão restrito. O primeiro motivo era a falta de instrução, ou seja, na falta de capacidade, na acepção moderna, de ler e escrever. O alfabetismo não era algo universal na Inglaterra durante aquele século, no campo, muitos agricultores eram analfabetos, e nas cidades, soldados, marinheiros também não sabiam ler.

Havia oportunidades para se aprender a ler durante aquele período, muito embora as circunstâncias mostrassem que o ensino público era um tanto quanto irregular. Não se tinha um sistema de ensino propriamente dito, mas sim uma rede de escolas de vários tipos, que era mantidas por doações, que cobria grande parte do país, exceto as partes mais distantes da zona rural. A frequência nessas escolas era breve e irregulares para que os mais pobres pudessem aprender a ler, em geral as crianças das classes mais pobres saíam da escola aos 6 ou 7 anos,



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Quando duravam mais tempo, era apenas os meses que não estavam trabalhando na cidade ou no campo. O aumento do emprego de crianças de 5 anos de idade era feito para suprir as necessidades nas indústrias, o expediente era muito longo, então não restava tempo para que fossem a escola, como consequência, o índice de alfabetismo baixou nas regiões fabris. Ou seja, era muitas barreiras que impediam a classe mais pobre de aprender a ler, porém um dos fatores para isso, era a falta de motivação, como vai dizer Watt:

Saber ler era uma verniz necessário apenas aos que se destinavam a ocupações típicas da classe média – comércio, administração, administração, e as profissões em geral – e, tratando-se de um processo psicológico difícil, que requer exercício contínuo, é provável que apenas uma pequena proporção das classes laboriosas já alfabetizada se incluísse entre o público leitor e que a maior parte desse grupo tivesse ocupações nas quais ler e escrever constituísse uma necessidade profissional. (WATT, 2010, p. 42).

Assim, além de serem pouco alfabetizados, as classes mais pobres ainda não tinham esse incentivo, pois era de certa forma desnecessário para elas na questão profissional, pois não utilizavam de leitura para isso, então não tinham a motivação pra se dedicar a isso.

Outro fator que restringia o público leitor está ligado a questão econômica, pois mais da metade da população mal conseguia suprir as necessidades básicas, haviam grupos que viviam na mera condição de existência e não poderiam se dá ao luxo de comprar livros e jornais. Porém a ampliação do público leitor se deu principalmente por comerciantes e agricultores, também foi ampliada mais nas cidades do que campo, mas era o alto custo dos livros que restringia sua leitura. O público leitor de romances com certeza não pertencia a parte mais representativa da sociedade, entretanto havia uma classe de novos leitores, a classe média. Essa classe poderia comprar romances que saíam em jornais da época, pois esses jornais publicavam romances em capítulos, o *Original London Lost*⁸ por exemplo saia três vezes por semana.

O aumento do público leitor, porém, teve um fator determinante, que eram as bibliotecas públicas ou bibliotecas circulantes como vieram a ser chamadas. As taxas de inscrição eram mais baratas e permitiam um aumento da leitura. Essas bibliotecas circulantes possuíam literaturas de todos os gêneros, porém eram os romances que mais atraíam a atenção do público e foi o gênero que mais contribuiu para o aumento do público para leitura de ficção na época, essas bibliotecas eram por vezes chamadas *lojinhas de literatura*. O romance foi o gênero que mais gerou comentários a respeito da extensão da leitura às classes inferiores. Até 1740 a leitura

⁸ Jornal Inglês que publicava contos e romances, esse jornal era publicado três vezes na semana e trazia obras literárias divididas em capítulos.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

era muito restrita, boa parte desse público era composto por mulheres, por alguns fatores, Watt vai dizer que:

A distribuição do lazer da época corrobora e amplifica o quadro já apresentado da composição do público leitor, e ainda fornece a melhor evidência disponível para explicar a crescente participação das mulheres nesse público. Pois enquanto boa parte da nobreza e da pequena aristocracia continuava a sua regressão cultural do cortesão Elisabetano aos “bárbaros” de Arnold, a literatura tendia a se tornar um entretenimento basicamente feminino. (WATT, 2010, p. 46).

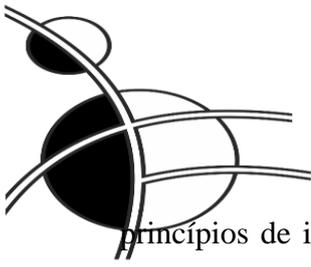
As mulheres das classes média e alta pouco tinham participação nas atividades masculinas, tanto em negócios como na política, então tinham muito tempo livre e esse tempo era usado para leitura de livros, então as mulheres tendiam a ser mais letradas, por conta justamente dessa leitura.

Essa ascensão do gênero romance se deveu principalmente à classe média e o público feminino e o reflexo dessa ascensão traz a reflexo para o século seguinte, que aumenta ainda mais o público leitor por diversos fatores, entre eles as próprias bibliotecas, sendo que o romance passa a ser naquele século posterior um meio de crítica social para o momento em que o país vivia. Autores aparecem com essa proposta de manter uma postura mais crítica com relação ao que acontecia e as vezes eram censurados pelos jornais da época, mas para entender isso, é necessário compreender o período Vitoriano.

3 UMA ERA E SUAS CONTRADIÇÕES

Como já citado antes, *O médico e o monstro* foi publicado no ano de 1886 em Londres, durante a chamada Era Vitoriana, período que marcou a Inglaterra no século XIX. Durante o governo da rainha Vitória a Inglaterra era considerada a nação mais industrializada do planeta, o século XIX é marcado por grandes transformações caracterizado pelo surgimento da máquina a vapor, dos trens, das locomotivas. Isso se dá por conta das transformações socioeconômicas presentes durante aquele século, com a Revolução Industrial ocorreu o desenvolvimento de uma série de invenções de máquinas e ferramentas, com essas invenções houve um enorme progresso na vida material que afetou diretamente nas relações pessoais durante aquela época. Aquela revolução fez da Inglaterra a principal força econômica no mundo ocidental, o século XIX é um século marcado por uma Era de Revoluções⁹, após a Revolução Francesa, os

⁹ O historiador Eric Hobsbawm vai dizer que a primeira metade do século XIX foi o período mais revolucionário da história, os princípios de igualdade inspirados pela revolução francesa perduravam por toda a Europa. A ciência nunca tinha sido tão vitoriosa e a informação nunca tinha sido tão difundida.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Princípios de igualdade estão presentes não somente na Inglaterra, mas por todo continente europeu. René Rémond vai dizer que:

Essa agitação revolucionária, a princípio, apresenta-se como um contragolpe à revolução de 1789; basta examinar as palavras de ordem, perscrutar-lhes os princípios para captar-lhes a analogia. Contudo, todos esses movimentos revolucionários não se reduzem — talvez nenhum se reduza de modo total — a seqüelas da Revolução de 1789. À medida que o século se aproxima do fim, outras características se afirmam, passando pouco a pouco à frente da herança da Revolução Francesa (RÉMOND, 1989, p.5)

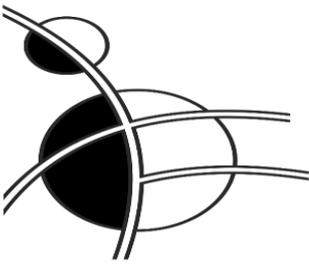
As cidades passam a crescer tanto em área como em habitantes por conta dos deslocamentos feitos através dos trens, abrigando diferentes pessoas de diferentes classes sociais. Em Londres, por exemplo, que era a capital imperial, com o desenvolvimento do comércio e crescimento urbano, se tornou o centro financeiro do império Britânico, as ruas atravessam a cidade de uma extremidade a outra, continha praças e parques, a cidade era cheia de pequenas casas e más construções em seus bairros mais periféricos. Havia em Londres meio que uma contradição, se por um lado a cidade mostrava uma ostentação de riquezas por ser o centro britânico, por outro lado era perceptível a miséria e a pobreza em seus bairros operários.

O domínio Inglês na Europa se deu durante o século XIX, sendo o berço da Revolução Industrial, tendo começado já no final do século XVIII. Remónd vai dizer que:

Essa revolução industrial, que nasceu na Inglaterra do século XVIII e se propaga, no século XIX, pelo continente, na França, na Bélgica, a Oeste da Alemanha, no Norte da Itália e em alguns pontos da península ibérica, repousa no uso de uma nova fonte de energia, o carvão, e nos desenvolvimentos das máquinas, depois das invenções que modificam as técnicas de fabricação. A conjunção desses dois fatores, a aplicação dessa energia nova à maquinaria, constitui a origem da revolução industrial, cujo símbolo é a máquina a vapor (RÉMOND, 1989, p. 76).

A Inglaterra teve uma forte expansão econômica, exportava máquinas, ferrovias, tecidos, ou seja, os britânicos eram os grandes responsáveis pela expansão do industrialismo moderno daquele século, esse domínio marca o desenvolvimento do capitalismo em sua fase industrial.

Com todas essas relações comerciais o império britânico defendia o livre comércio e o fim do trabalho escravo. Uma das coisas que Rémond traz em seu livro é exatamente a questão do Liberalismo presente naquele século, não só em enquanto conceito comercial, mas também em termos amplamente filosóficas. Nos diz o autor que:



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

O liberalismo é um dos grandes fatos do século XIX, século que ele domina por inteiro e não apenas no período onde todos os movimentos alardeiam explicitamente a filosofia liberal. Muito depois de 1848 ainda encontraremos grande número de políticos, de filósofos, cujo pensamento é marcado pelo liberalismo. Um Gladstone é tipicamente liberal, como boa parte do pessoal político da Inglaterra. Em outros países, também, diversas famílias espirituais estão impregnadas dele, porque o liberalismo, mesmo sendo em suas linhas gerais anticlerical, comporta contudo uma variante religiosa; é assim que existe um catolicismo liberal, personificado por Lacordaire ou Montalembert. Trata-se, portanto, de um fenômeno histórico de grande importância, que dá ao século XIX parte de sua cor e que muito contribuiu para sua grandeza, porque o século XIX é um grande século, a despeito das lendas e do julgamento que se costuma fazer de suas ideologias (RÉMOND, 1989, p. 15).

Outra forte marca da Era Vitoriana era o Imperialismo¹⁰, aparecendo através de uma estrutura nos moldes capitalista em novas colônias que eram conquistadas. O Imperialismo britânico por exemplo, tinha suas próprias colônias, eram elas Canadá, Austrália, Nova Zelândia e a África do Sul. Esse domínio militar e de exploração econômica estava presente nos continentes da Ásia, África e América Latina, que compravam produtos ingleses e vendiam as suas matérias-primas.

Sabe-se que a Revolução Industrial começou na Inglaterra ainda no século XVIII, mas foi apenas no século XIX que foi possível perceber as transformações sociais recorrentes que aconteceram durante aquele período, por exemplo, um dos setores mais desenvolvidos foi a indústria têxtil, com esse desenvolvimento então foram produzidos variados tipos de panos. Isso perdurou e começou na Inglaterra um processo chamado de Máquina fatura, ou seja, a máquina estava começando a substituir as mãos do trabalhador. As cidades cresciam tanto em população como em problemas sociais, e uma das coisas que se destacavam eram as péssimas condições dada aos trabalhadores, essa economia industrial gerou miséria nas cidades inglesas, sem falar que as indústrias com a intenção de produzir e vender mais barato passaram a empregar o trabalho feminino que pagava metade do trabalho masculino, sem contar o trabalho infantil que pagava cerca de um quarto de um homem adulto e isso aumentava o desemprego dos homens nas fábricas, fora que as jornadas de trabalho eram totalmente absurdas pois variavam de 14 a 18 horas por dia. Trabalhadores na Inglaterra no século XIX foram protagonistas de manifestações em busca de adquirir direitos, um desses movimentos foi o chamado Cartismo¹¹, maior movimento democrático dessa época que era baseado na chamada *carta do povo*, que continham seis itens e fora escrita por dois sindicalistas, Willian Lovett e

¹⁰ No caso o imperialismo inglês era um tipo de capitalismo das grandes empresas industriais de um governo que dominava outros países com suas indústrias, formando assim o capitalismo industrial.

¹¹ Era chamado assim pela derivação ao nome carta do povo.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Francis Place. Os cartistas pediam pelo sufrágio universal, voto secreto, pelas eleições anuais para o parlamento, queriam eliminar o velho sistema da Câmara de Lordes¹², assim também como a monarquia e estabelecer uma democracia. Os cartistas afirmavam buscar os interesses dos trabalhadores, exigindo os seus direitos com greves que eram organizadas. Rémond argumenta que:

Em 1848, os democratas ainda não apresentam todos os desenvolvimentos da idéia democrática, mas um ponto lhes parece indiscutível: não existe democracia sem sufrágio universal. Num sentido, pode-se considerar que o critério menos incontestável da democratização, no século XIX, das sociedades políticas, é a cronologia das datas nas quais os diversos países adotaram o sufrágio universal (RÉMOND, 1889, p.34)

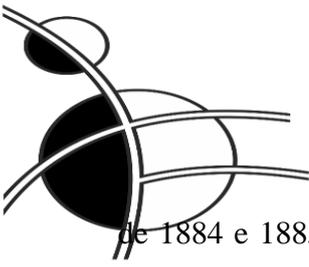
Nos bairros ingleses as condições de vida eram totalmente deploráveis. O escritor Charles Dickens faz uma descrição desse acontecido em seu folhetim mensal intitulado *Oliver Twist*¹³. Constata-se assim que todo esse desenvolvimento industrial forçava a luta dos operários, as novas invenções geravam investimentos dos burgueses que visavam maior lucro. Fome e protesto era o que restava ao proletariado. Foi naquele século que surgem as ideias marxistas postas através do livro *Manifesto do Partido Comunista*, em que Karl Marx diz que a classe burguesa é uma classe majoritariamente revolucionária por ter derrubado a aristocracia, porém teriam apenas reformulado o sistema de classes, criando novas classe. Marx afirma que sempre existia a reflexão de que a história era contada através de uma luta de classes, entre opressores e oprimidos. Um movimento inspirado nessas ideias foi o Fabianismo, formado por membros da Sociedade Fabiana¹⁴ que defendia um socialismo moderado, buscava melhores condições de trabalho para os trabalhadores, eram humanitários, pois faziam campanhas de ajuda aos pobres com arrecadação de alimentos.

O sistema parlamentar inglês sofreu no ano de 1832, uma série de reformas eleitorais de viés liberal, como o século XIX é conhecido por ser um século de revoluções, essas reformas pretendiam de certa forma evitar uma revolução em grandes proporções na Inglaterra. Essa reforma aumentou em 50% o eleitorado inglês, fazendo com que boa parte da classe média tivesse direito ao voto. Já no ano de 1867 outra reforma é estabelecida, essa liderada pelos conservadores, justamente para aumentar ainda mais a quantidade de eleitores. Entre os anos

¹² É a chamada câmara superior do parlamento inglês, caracterizada por um perfil aristocrático formada por membros da nobreza britânica.

¹³ Romance de Charles Dickens que traz a história da vida de um órfão, sendo uma crítica direta a miséria e ao trabalho infantil da sociedade inglesa.

¹⁴ Organização Inglesa fundada em 1883.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

de 1884 e 1885 são propostas novas reformas, dessa vez liderada pelos liberais, essas novas reformas dariam direito de voto a classe operária, essas reformas eleitorais atendiam as necessidades de mudanças políticas e tinham como intenção também evitar revoluções sociais que poderiam ocorrer durante o século vitoriano. E apesar das frequentes reformas, os partidos políticos ingleses eram quase que inalterados. Eram os Whigs¹⁵, que tinham a ideia de fazer essas reformas com a intenção de evitar possíveis revoluções sociais, e o outro grande partido era os Tories¹⁶, que tinha um viés mais aristocrático e defendia os interesses de uma expansão imperialista britânica. Podemos destacar duas figuras do parlamento inglês que governaram a Inglaterra do século XIX. No caso os primeiros-ministros William Ewart Gladstone que pertenciam ao Whigs e Benjamin Disraeli, que pertencia aos Tories. Eles se alternaram no poder durante 1868 e 1885. Gladstone ainda viria exercer o poder em 1886 e 1892. Eles eram as figuras que protagonizavam os debates políticos no parlamento inglês. Sabe-se que na Inglaterra a Rainha é a chefe de Estado, porém ela não governa, ou seja, a rainha Vitória tinha sua representatividade na Grã-Bretanha, mas quem governava era o parlamento, ou seja, o partido que tinha sua maioria eleita, escolhia o primeiro-ministro que era o chefe de governo e tinha a função de administrar o império e as diretrizes políticas.

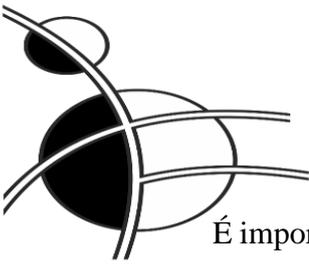
Um dos destaques desse período eram os jornais. Havia o jornal diário, o folhetim¹⁷, que fazia parte da vida cotidiana dos ingleses, e circulavam na Inglaterra entre 250 mil a 500 mil exemplares de jornais populares. Nessa era considerada burguesa, era muito comum os romances retratarem a mentalidade e valores da burguesia, assim a literatura marcou de forma sensível a Inglaterra durante o século XIX, e apesar de retratar muitos dos valores burgueses, outras obras também retratavam as cenas das fabricas, da pobreza que assolava as classes mais baixas e as ruas que pareciam desgarradas, ou seja, a literatura também era uma forma de crítica social sobre àquele período. Um desses autores já citados aqui foi Charles Dickens, que tratava em suas obras a questão da miséria, industrialização e aglomeração de pessoas nas ruas, várias de suas obras eram publicadas nos jornais ingleses, suas obras retravam a hipocrisia das contradições do período vitoriano, de um lado uma prosperidade burguesa, do outro, a miséria no restante da população, ele foi um dos primeiros escritores modernos best-seller¹⁸. Em um de seus contos chamado “Os Carrilhões” ele conta a história e a realidade daquele período, falando sobre as horas de trabalho diário e o tempo do avanço da burguesia.

¹⁵ Eram os liberais.

¹⁶ Eram os conservadores.

¹⁷ Literatura pelos Jornais

¹⁸ Suas obras tinham uma grande tiragem e uma enorme venda a um público consumidor.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

É importante destacar a participação da mulher na literatura durante esse período, já que a mulher vivia em um contexto social de reclusão e atividades domésticas, por esse motivo e por sua exclusão do mercado de trabalho, é que a mulher pouco aparecia na lista de grandes escritores, porém deve se destacar a romancista Jane Austen, membra de família classe média alta e conhecedora dos problemas sociais de sua época, principalmente em relação as mulheres, sua escrita trata de aspectos sociais durante aquele período. Outros destaques de participação da mulher na literatura são as irmãs Bronte, Emily e Charlotte.

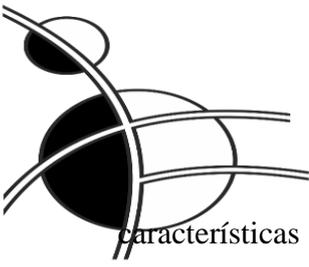
A Era Vitoriana representou de certa forma o reflexo do que era possível ser mostrado e o que se era de certa forma escondido. A ideia da nação e dos seus valores, onde o que se destacava era o status, o dinheiro, os privilégios sociais de uma elite, Peter Gay vai dizer que Vitoriano é sinônimo de século XIX, esse período foi marcado pela crença no progresso e também na ciência, porém essa ideia não melhoraria as condições de vida dos trabalhadores daquele período. A Era Vitoriana é marcada por uma busca por dinheiro e poder na Inglaterra, tendo que pagar um preço alto, com trabalhadores explorados, a fome e a miséria da sociedade, uma era repleta de contradições, de uma potência mundial de maior economia, cujo o reflexo inverso era de fato mostrado em sua população.

4 DOIS LADOS DE UMA MESMA MOEDA

Na literatura há um grande aumento do público leitor de romances durante o século XIX, um desses fatores está ligado ao crescimento das cidades e a formação de um mercado, sem contar o barateamento dos custos dos livros, além disso houve uma ampliação na educação a partir do “Education Act”¹⁹ de 1870. Havia também livros para uma leitura mais simples, livros com uma leitura mais popular que atraia mais leitores. Com a criação da circulating libraries²⁰ os romances circulavam ainda mais para as camadas mais populares. Havia uma preocupação apesar de tudo, com a influência do romance na formação do caráter, principalmente das mulheres e trabalhadores da época. Algumas bibliotecas públicas que tinham em sua maioria o público leitor formado pela classe dos trabalhadores tinha esse cuidado com as obras que estavam disponibilizando para leitura. Ao mesmo tempo em que alguns eram censurados, os romances também eram propagados como forma de melhorar a civilização, é perceptível a influência dos romances durante o século XIX, e os contextos descritos traziam

¹⁹ Lei de educação Elementar de 1870 ou como também é conhecida, Lei de educação forster, foi uma lei que estabeleceu uma estrutura educacional para crianças de 5 a 12 anos, tanto na Inglaterra como no país de Gales.

²⁰ Bibliotecas que permitiam o empréstimo de livros mediante uma taxa anual.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

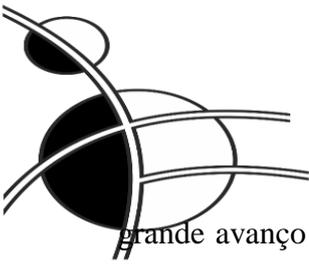
características e traços que marcavam aquela época. Os romances vitorianos detinham o conhecimento de um contexto social em que estavam inseridos, representando inclusive teorias científicas presentes do período. O fato é que os romances também era uma forma de explicar aqueles acontecimentos, as diversas transformações ocorridas durante o século XIX no campo econômico, social e cultural são representados através da literatura. Por isso são bem comuns nas histórias aparecerem cenários de pobreza e miséria na cidade de Londres, ou seja, a literatura era um elemento ficcional que trazia elementos da realidade. Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de M. Pereira vão dizer que:

Definamos, de forma sucinta, o caráter histórico do testemunho literário. Qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada – isto é, situada no processo histórico –, logo apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada. Em outras palavras, embora qualquer teoria ou explicação do processo histórico possa ser proposta, são comprovadamente falsas todas as teorias que não estejam em conformidade com as determinações das fontes, literárias ou não. (Chalhoub; Pereira, 1998, p.7).

Com esse crescimento do público leitor, com o surgimento de um mercado em massa de literatura é que os escritores começam a se tornar autossuficientes, como é o caso de Robert Louis Stevenson, que vinha de uma família que tinha uma linhagem de engenheiros, preferindo seguir a carreira de escritor, era um homem de letras, ele também cultivava cacau, porém não podia fazer muitos esforços físicos devido a sua saúde. Os jornais traziam as publicações literárias em Londres no século XIX, e não foi diferente com *O Médico e o Monstro*, publicado inicialmente como *O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*. Essa obra por demonstrar em seu texto a ideia da duplicidade, vem trazer diversas interpretações. A ideia de materializar na realidade uma obra literária tem que ser diluída a partir da separação entre a ficção e a realidade, ela é inserida dentro de contexto trazendo características do seu tempo, mesmo que de forma subjetiva, entretanto é a partir dessa subjetividade que é feita a interpretação do real. Peter Gay esclarece que:

Inventar a realidade é uma atividade exigente. É como completar um mosaico em que algumas peças estão faltando e outras são ilegíveis. Não há regra geral para determinar até que ponto são pura fantasia. É claro que a liberdade de imaginar a conduta das pessoas reais que habitam um romance deve variar com o talento e a informação do escritor (GAY, 2010, p. 10).

A ideia do duplo é trazida na narrativa de Robert Louis Stevenson, e se pararmos pra analisar, há meio que uma dupla face no contexto da Era Vitoriana: por um lado temos um



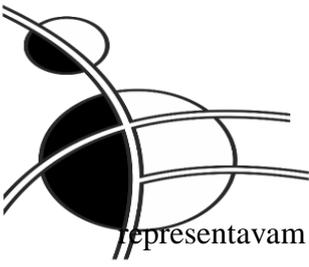
REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Grande avanço tecnológico e industrial, a Inglaterra é a maior potência econômica do mundo naquele momento, contudo toda aquela glória na verdade mascarava uma sociedade com uma completa desigualdade social, miséria, exploração do trabalho infantil, desemprego. Assim era a Inglaterra durante a Era Vitoriana, cheia de duplicidades, por um lado a glória inglesa imperialista e de outro a agressividade colonialista. Na obra de Robert Louis Stevenson, o cenário retratado é justamente uma rua na Inglaterra, especificamente de Londres, que era bem comum nos romances daquela época:

Numa dessas perambulações, o acaso fez com que seu caminho o levasse a percorrer uma rua secundária, num bairro movimentado de Londres, a rua era pequena e poderia ser considerada tranquila, embora tivesse um próspero comércio nos dias úteis Mesmo aos domingos quando escondia seus maiores atrativos e se transformava em uma passagem relativamente vazia, o brilho da rua contrastava com sua sombria vizinhança (STEVENSON, 2016, p. 10).

O comércio tinha uma forte presença durante aquele período, considerando que vivia-se em uma época que o liberalismo era muito presente. É importante ressaltar que a vizinhança é descrita como sombria no livro, o que nos leva a pensar que com o avanço da indústria, os centros urbanos ficariam cada vez mais lotados, o que possibilitou um aumento da miséria. A história no livro é retratada na cidade de Londres e conta que quando o personagem Enfield diz que viu Hyde “atropelando” uma criança e a família da criança simplesmente aceitou ser indenizada. Considerando que estamos falando da maior potência econômica, cuja a cidade de Londres era o grande centro dessa economia, por qual motivo uma família simplesmente iria aceitar dinheiro em troca da denúncia pelo atropelamento, era questão de interesse? Logo chega-se à conclusão que aquela família passava algum tipo de necessidade, o que era bem comum, considerando a miséria e o desemprego presentes na época. A família preferiu ser indenizada do que denunciar aquele caso que ocorreu com uma criança. No livro vai dizer que inicialmente Hyde entrega apenas 10 libras a família, logo em seguida vai buscar um cheque com o restante da quantidade prometida, que no caso eram 100 libras. Enquanto isso Enfield espera junto com a família, não é dito exatamente a profissão de Enfield, o que é dito é que ele é bem conhecido na cidade e é um parente distante do advogado Utterson²¹. Hyde entrega o cheque para a família e tudo fica resolvido entre eles. Enfield conta a Utterson que o nome naquele cheque não era de Hyde e sim de uma outra pessoa, um homem cujo o seu nome é bem frequente nas páginas dos jornais. O que nos leva a conclusão que esses eram personagens que

²¹ A história no livro é narrada por esse personagem em terceira pessoa, ele é um advogado amigo do dr. Jekyll



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

representavam uma elite burguesa, Utterson por exemplo costumava ler perto da clareira de sua casa, esse era um costume dos burgueses da época. Em uma dessas vezes que ele está lendo na clareira é que o personagem Utterson se depara com o nome de Hyde, presente no testamento do dr. Jekyll, ele então busca saber o motivo de um homem respeitado como Henry Jekyll está diretamente ligado ao de um ser como Hyde.

Jekyll e Hyde, esses dois personagens que eram um só, são os grandes protagonistas da história contada no romance, de um lado um médico cientista, respeitado pela sociedade, conhecido por sua boa índole e fama, nascido em berço de ouro, sempre buscando ajudar as pessoas, era um velho amigo de Utterson e de Lanyon²². Do outro lado Mr. Hyde, um ser que era considerado um monstro, que causa repulsa nas pessoas que o viam, sua aparência é sequer descrita na obra, só se dizia que parecia ter alguma deformidade. Utterson vem a dizer que ele não parecia humano, mas em nenhum momento seu rosto é descrito. Enfield diz que tinha vontade de mata-lo. O ápice da história acontece quando Hyde mata de forma brutal um membro do parlamento londrino chamado sr. Danvers, então, quem poderia imaginar que aquele respeitado cientista seria capaz de realizar tal ato? Utterson a todo tempo pensa que o Dr. Jekyll estava sendo ameaçado por Hyde. Utterson estava usando a razão, já que o fato é que até então não tinha uma ideia que seria possível alguém se transformar em “outra pessoa”, tanto que Lanyon que também era um homem que não acredita nas ideias Jekyll, exceto quando ver ele com os próprios olhos, só que naquele momento da história, Hyde já era um assassino, um ser que matou um membro do parlamento.

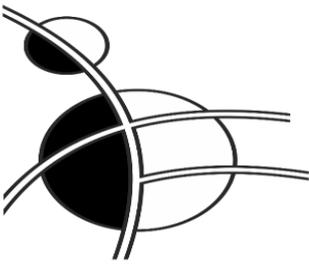
O fato aqui trata do ideário do duplo. Hyde representava o lado sombrio e reprimido de Jekyll. Em uma analogia de contextos, podemos citar a Era Vitoriana como uma representatividade dupla, tendo uma sociedade marcada por enormes contradições, ainda que gerasse no país uma sensação de satisfação. O utilitarismo²³ seria um marco da Era Vitoriana.

O campo científico foi de extrema importância para à Inglaterra vitoriana, já que Charles Darwin publica ali sua obra *A origem das espécies*, que falava da evolução por meio de uma seleção natural, lembremos que estamos tratando do século XIX, então a ciência era vista sob um novo olhar, numa perspectiva positiva, Nas palavras de Carlos Augusto Proença Rosa:

O processo evolutivo da Ciência atingiu, na segunda metade do século XIX, uma nova fase, a qual pode ser qualificada de “positiva”, pelas características que assumiu, as quais a distinguem da de épocas anteriores. A gradual incorporação, inicialmente nos meios intelectuais, de um pensamento

²² Era outro personagem do livro, um cientista com ideias mais conservadoras.

²³ Doutrina ética segundo a qual o bem se identifica com o que é útil.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

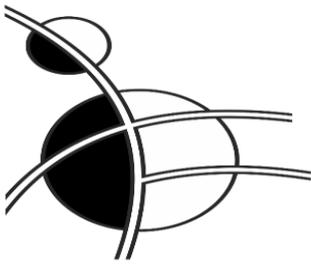
científico, tem um profundo significado histórico, pois representaria a rejeição de pressupostos falaciosos, especulações fantasiosas e preceitos arbitrários como bases da Ciência em favor de uma metodologia estritamente científica para o estudo dos fenômenos físicos, humanos e sociais. O conseqüente avanço extraordinário no conhecimento teórico científico, e de sua aplicação em benefício da Sociedade, a partir de novas e firmes bases, será um dos aspectos mais importantes do progresso do espírito humano, e, em definitivo, uma significativa marca da História Universal. (ROSA, 2012, p. 28).

Na segunda metade do século XIX a ciência foi marcada por uma nova fase evolutiva, na qual a partir dali era chamada de “Positiva”, essa evolução se deu por conta de suas novas características que eram diferentes de épocas anteriores. Um dos aspectos relevantes dessa nova ciência Positiva foi o seu entendimento como função social, ou seja, o desenvolvimento de vários setores do comportamento do homem a partir do progresso científico e conseqüentemente de uma sociedade, pois até então a ciência só era vista como algo utilizado para explicação dos fatos.

De fato a Era Vitoriana trouxe enormes avanços quando tratados em uma perspectiva, mas ao mesmo tempo foi um período marcado por revoltas e movimentos organizados, cobranças por reformas no campo político, miséria, pobreza, e ao mesmo tempo expansão imperialista, riquezas e uma enorme industrialização, ou seja, um período duplamente contraditório, um período de Jekyll, que era um homem respeitado pela sociedade, mas que escondia seu Hyde, que era o seu lado oculto e obscuro, assim era a representação da sociedade naquele período, em que mostrava ser uma grande potência econômica, o que e de fato era, só que ao mesmo tempo escondia um Hyde dentro de si, quando se tratava inclusive de suas classes mais baixas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance de fato foi um importante instrumento crítico e social durante a Era Vitoriana, isso começou com o crescimento do gênero literário romance ainda no século que antecedeu aquele período. Na narrativa de Robert Louis Stevenson é possível perceber a crítica presente também àquele período, e as características da cidade de Londres durante a época, remetendo ao duplo presente em *O Médico e o Monstro*: de um lado o respeitado médico e cientista que aparecia nos jornais da cidade, e de outro o monstro Hyde que por sua vez chegou a assinar um membro do parlamento londrino. Assim, podemos pensar que aplicado a situação do seu contexto, de um lado a glória imperialista inglesa, e do outro os graves problemas sociais, a diferença entre o que era visto e o que de fato era.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

REFERENCIAS

BRAÚNA, Dércio. **Assombração na História: História, Literatura e Pensamento Pós-Colonial**. Fortaleza: Deleatur, 2015.

CHALHOUD, Siney; AFFONSO, Leonardo de Miranda. **A História Contada: Capítulos de História Social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

FLORES, Élio Chaves/ VASCONCELOS, Iris Helena Guedes. **A ERA VITORIANA: A DURAÇÃO DE UM REINADO**. São Paulo: FTD, 2000.

HERICKS, Filipe. **Monstruosidade e Degeneração Em Londres No Século XIX: O Estranho Caso De Dr. Jekyll E Mr. Hyde**. Monografia de Licenciatura. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

GAY, Peter. **A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: A Educação dos Sentidos**. São Paulo: Companhia de letras, 1998.

GAY, Peter. **Represálias Selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOBSBAWM, Eric. **A Era das Revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

JUNIOR, Juarez Monteiro de Oliveira. **Direito e Intolerância em “O Médico e o Monstro de Robert Louis Stevenson**. Disponível em: http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/bh/juarez_monteiro_de_oliveira_junior.pdf. Acesso em: 28/02/2019.

MARX, Karl/ FRIEDRICH, Engels. **Manifesto do Partido Comunista**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

MORAIS, Flávia Domitila Costa. **A Evolução da Modernidade na Filosofia e na Literatura: A Literatura Vitoriana Como Tradução Moralizante no Ensino de Uma Época. Dissertação de Mestrado**. Universidade Estadual De Campinas. São Paulo, 1999.

PEREIRA, Israel Bernardo. **Uma Reinterpretação da Dualidade: Análise da Representação do Personagem Duplo Jekyll/ Hyde em O Médico e o Monstro e a Liga Extraordinária**. Monografia de Licenciatura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. **A História da Ciência: O Pensamento Científico e a Ciência no Século XIX**. 2ª Edição Brasília: FUNAG, 2012.

RÉMOND, René. **O século XIX -1814-1915**. São Paulo, Cultrix, 1989.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

SANTANA, Luciana Wolff Apolloni; SENKO, Elaine Cristina. **Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX.** Revista Diálogos Mediterrânicos n. 10. Coritiba, p. 189 a 215, jun. 2016.

SHEARMAN, Deirdre. **Os Grandes Líderes: Rainha Vitória.** São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SHELLEY, Mary. **Frankstine.** Rio de Janeiro: DarkSide BOOKS, 2017.

SHELLEY, Mary. STOKER, Bram. STEVENSON, Robert Louis. **Frankenstein. Drácula. O Médico e o Monstro.** São Paulo: Martin Claret, 2017.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro.** Porto Alegre. L&PM, 2016.

WATT, Ian. **A Ascensão do Romance: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding.** São Paulo: Companhia de Letras, 2010.